

Educação musical para crianças surdas como meio de inclusão social: instrumento na construção do conhecimento e desenvolvimento humano.

* **Márcia R.N.S. Oliveira¹, Adriana N. A. Mendes².**

1. Estudante de IC da Fac.de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/SP; marcianepomuc@gmail.com
2. Pesquisadora do Depto.de Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP/SP;

Palavras-chave: *educação musical, crianças surdas, inclusão social.*

Introdução

Este projeto investigou a musicalização infantil para crianças surdas e os processos decorrentes da interação com a música no que diz respeito à inclusão escolar, ao desenvolvimento da coordenação motora, à experiência rítmica sensorial e à apropriação da música como objeto de prazer. O estudo foi realizado com um grupo de 6 crianças surdas em fase de desenvolvimento escolar, com idade entre 8 e 11 anos, atendidas pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Gabriel Porto – CEPRE/ UNICAMP. Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética (CAAE 25872913.7.0000.5404) foram realizadas com as crianças atividades musicais constituídas de jogos e brincadeiras, na intenção de observar o envolvimento que se dá através da música de forma lúdica e prazerosa.

Resultados e Discussão

A seguinte pesquisa foi estruturada em duas principais etapas. A primeira consistiu basicamente na investigação de literatura que embasasse o tema. A segunda, por sua vez, se constituiu no desenvolvimento de jogos e brincadeiras musicais. As atividades foram monitoradas através de fotos e filmagens que permitiram a posterior análise das imagens quanto ao envolvimento das crianças com a proposta apresentada. Um terceiro momento, entremeado no processo de pesquisa, foi o questionário realizado com os pais e as crianças sobre música para compreender o contexto no qual cada criança está inserida.

Todas as experiências musicais realizadas centraram-se nos sentidos. Isto é analisado de modo consistente por Merleau-Ponty no livro “Fenomenologia da Percepção” (1945). O autor enfatiza a necessidade das experiências sensoriais, as quais medeiam o conhecimento. Logo, tem-se que o papel dos sentidos na educação é fundamental para a aprendizagem.



Figura 1. Atividade de reprodução de ritmo.

As crianças conhecem música porque já viram na televisão, manusearam DVDs, CDs, rádio, celular e fones para ouvir música. Enfim, ver ou ouvir música no carro, em casa, na escola ou na igreja são partes do que vai constituir o que chamamos de memórias musicais. Todos os homens trazem consigo memórias musicais porque

fazem parte de um mundo musical. E, tanto as memórias musicais quanto outras memórias que foram sendo constituídas nos espaços informais fazem parte da bagagem cultural que levamos para a escola desde cedo. A partir desse ponto, sabendo das experiências das crianças, deixamos de lado essa realidade que até então era, na sua maior parte, baseada em experiências visuais, e nos aproximamos de outra realidade mais concreta, palpável e sensível. Daí a importância dos jogos e brincadeiras propostos na segunda parte da pesquisa.

Conclusões

O principal ponto a ser reavaliado é de que a surdez é um problema. Para uma criança surda precoce ou congênita a surdez não é um problema. Ela só percebe indiretamente como um problema a partir da vivência social. Os “surdos presenciam e possivelmente imitam muito do que seus pares fazem, mas, sem palavras (na fala ou em sinais) para significar as experiências, muito do que vivem pode passar despercebido (REILY, 2012, p.51). Assim, um dos papéis que os professores exercem na educação com surdos é a construção de um significado para suas experiências. No entanto, os insucessos e os objetivos alcançados insatisfatoriamente podem contribuir para que o surdo tenha uma imagem fracassada de si. Este, talvez, possa ser o caso de um dos sujeitos da pesquisa, ao dizer que “música é coisa de ouvinte”. Para ela, o surdo não se relaciona com a música em vista da audição. Nota-se, a partir daí: “[...] que a grande maioria das pessoas, inclusive no meio educacional, faz uma imagem da pessoa surda considerando certas características intrínsecas à surdez, e não como consequência de uma falha ou um fracasso do método utilizado na sua educação”. (SILVA, 2003, p. 96). Toda a bibliografia estudada não esgota o assunto e deixa claro que os esforços ainda são insuficientes para dar conta deste. As possibilidades de futuras investigações apontam um caminho grande a ser percorrido

Agradecimentos

Agradeço ao PIBIC/CNPQ que tornou possível esse trabalho concedendo-me a bolsa, sem a qual esta pesquisa não poderia ser sustentada. Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Adriana Mendes e à Profa. Dra. Lúcia Reily que me apoiaram durante o processo.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. (Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura) 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

REILY, Lúcia. Escola inclusiva: linguagem e mediação. 4ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Série Educação Especial).

SILVA, A. B. de P. Surdez, inteligência e afetividade. In: SILVA, Ivani Rodrigues; KAUCHAKJE, S; GESUELI, Zilda Maria (orgs). Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidade. 2ª ed. São Paulo: Plexus Editora, 2003.